

As Imagens e os Textos de Sujeitos Surdos: Uma Questão de Relevância

Resumo:

A complexa tarefa do indivíduo surdo em aprender uma língua de modalidade oral-escrita é entendida, segundo a maioria dos profissionais que trata da educação destes sujeitos, como um dos principais desafios do processo ensino-aprendizagem.

No sentido de investigar a relação imagem/linguagem, este estudo procurou analisar a influência de diferentes níveis de iconicidade presentes em cada tipo de imagem na produção de textos narrativos, bem como avaliar o uso destas imagens como instrumentos pedagógicos no apoio ao desenvolvimento e à produção de linguagem escrita por indivíduos portadores de surdez. Utilizados dois experimentos com 19 sujeitos surdos, alunos do Instituto Nacional de Educação de Surdos, foram produzi-

das 38 narrativas escritas, as quais, após análise lingüística, confirmaram a hipótese sobre o grau de influência de imagens com níveis diferentes de iconicidade sobre a produção escrita destes sujeitos. No caso, imagens portadoras de um menor grau de iconicidade proporcionaram textos com menor grau de relevância discursiva, isto é, textos com menor densidade de cláusulas-figura e maior de cláusulas-fundo.

Abstract:

The complex process of deaf people to learn a language of oral-written type, is understood, by these majority of the professionals that deals with the education of these individuals, as one of the main challenges of the teaching-learning process.

With the goal of investigating the image/language relation, this

Carlos Henrique Freitas
Chaves*

*Professor do INES e
Mestre em Educação.
chaveschf@hotmail.com

study tried to analyse the influences of different levels of iconicity presented in each type of image on the production of narratives texts, as well as to, make an analysis of these images a pedagogic instrument to support the development and production of the written-language by deaf individuals. In two experiments with nineteen deaf individuals, students of the National Institute for the Education of Deaf, were produced 38 written-narratives, which after linguistic analysis, confirmed the hypothesis about the degree of influence of images with different degrees of iconicity over written-production of these individuals. In other words, the images with the smallest degree of iconicity, showed codified texts with discourse relevance of smaller degree; that is texts of foreground-clauses of smaller density and bigger background-clauses.

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

INES

ESPAÇO

JUN/04

75

I. Introdução

Inicialmente, o objetivo deste estudo era o da produção de tecnologias computacionais de multimídia e de inteligência artificial para a elaboração de um *software* educativo que auxiliasse o indivíduo surdo na aquisição e na produção de língua portuguesa em sua modalidade escrita, através do uso de imagens. A partir daí, uma questão primária, ao mesmo tempo importante e antes esquecida, tomou forma: **que tipo de imagens iria constituir esses softwares?**

Na área, investigações sobre variáveis em circunstâncias pedagógicas têm apontado que influências das imagens na escrita são inúmeras e, ao mesmo tempo, inexoráveis, pois se, por um lado, têm-se tais imagens, por outro, trata-se da complexa tarefa dos sujeitos surdos em aprenderem uma língua de modalidade oral-escrita. Então, esse último ponto deu origem ao desafio central deste meu estudo, a saber: analisar a influência de diferentes níveis de iconicidade presentes em cada tipo de imagem na produção de textos narrativos, bem como avaliar o uso destas imagens como instrumentos pedagógicos no apoio à aquisição e à produção de linguagem escrita por sujeitos portadores de surdez.

II. Fundamentação teórica

ICONICIDADE

Entendendo-se a leitura como apreensão e interpretação de sentidos codificados pela língua escrita, pode-se observar que esta apreensão, no caso do sujeito surdo, nem sempre é adequada por uma ausência de *consciência fonológica* dificultar seu acesso a um referencial sonoro do objeto escrito, sofrendo, desta forma, sua leitura distorções de diferentes ordens. Assim, podemos aventar que a utilização de imagens possibilitará a quem é surdo uma ancoragem entre a palavra escrita e seu léxico mental, fortalecido este, por sua vez, pela capacidade visual inerente à de aprendizagem: uma *consciência visual*.

Iconicidade, Funcionalismo e Semiótica

Apoiando-se em Givón (1990), Rigoni (1993) propõe a seguinte definição para iconicidade:

“...se a estrutura não é arbitrariamente ligada, mas está para realizar uma função, então a estrutura precisa refletir ou ser limitada pela função que realiza. A relação estrutura-função não arbitrária mais óbvia é aquela do iso-

morfismo onde os focos maiores e suas relações com a função codificada são refletidos, mais ou menos, um a um nos focos correspondentes em relação à estrutura codificada.” (pg. 81).

Essa definição aproxima-se da proposta deste estudo pois apresenta a *funcionalidade* na caracterização da iconicidade. Cumpre também acrescentar que, para fins deste trabalho, o axioma “isomorfismo” não foi entendido somente como a semelhança estrutural entre plano fônico e plano semântico-lingüístico, mas principalmente em relação à semelhança estrutural entre planos visual e semântico da língua. Assim, imagens foram entendidas como frutos da relação estrutura-função mais óbvia, no que se refere ao uso das imagens como estratégia de ensino de leitura e escrita em língua portuguesa para o indivíduo surdo.

Em relação à língua que os ouvintes usam, Votre (1993: 11) diz que *“bem sabemos que a língua que usamos no dia-a-dia não manifesta uma relação entre forma e conteúdo [...] icônica”*. Acredito ser esse um aspecto dificultador do aprendizado de leitura e escrita pelo indivíduo surdo, pois, não apresentando relações claras de iconicidade, este indivíduo não ancora parâmetros de

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

INES

ESPAÇO

JUN/04

76

comparação visual, ou seja, a língua portuguesa, em suas modalidades oral e escrita, parece oferecer-lhe reduzidas pistas, em termos léxico-semânticos.

O grau de iconicidade de uma imagem está vinculado às ações por ela representadas, as quais ficam sujeitas a codificações semânticas específicas. Segundo Silveira (1995: 11): *“uma situação só se manifesta para um sujeito se, e somente se, ele for capaz de, naquele momento, representá-la mentalmente.”* Assim sendo, partiu também do pressuposto de que imagens devem estar carregadas de significado para que possam favorecer um aprendizado mais seguro de leitura e escrita por parte do indivíduo surdo.

Em paralelo, soa igualmente oportuno dizer-se que *imagens* podem variar quanto a sua transparência, translucência e opacidade. Aqui, transparência significa a pronta identificação da imagem; translucência significa a idéia que tal imagem representa; e opacidade, a característica onde a pronta identificação e a imageabilidade ocorram com muita dificuldade.

Como dito anteriormente, iconicidade estaria ligada a um certo determinismo forma-função. Assim, esse determinismo fortaleceria o uso das imagens como recurso pedagógico para a aquisição e produção de linguagem escrita pelo sujeito surdo, visto que

a relação icônica não está presa somente a critérios concretos de análise, mas também aos conceitos funcionais da língua.

De um forma mais específica e levando em consideração os estudos de diferentes correntes sobre o tema iconicidade, pedagogicamente esta questão é entendida, neste estudo, como ponto de mediação entre o que o indivíduo surdo já sabe e o que pode aprender, aproveitando sua rota visual e imagética para aprendizagem. Desta forma, entende-se que tipos de imagens, textos, contextos e fatores pedagógicos podem facilitar seu aprendizado de leitura e escrita.

MEMÓRIA E ALGUMAS DE SUAS IMPLICAÇÕES LINGÜÍSTICAS

No que diz respeito à memória, ao verificar que a criança é melhor sucedida quando ação antecede recepção em tarefas que envolvem memorização, Piaget (1993) propõe que a imagem-lembrança está diretamente relacionada a *esquemas de ação*, sugerindo, finalmente, que crianças retêm mais facilmente aquilo que compreenderam e não apenas o que viram.

Ao referir-se à memória, Slobin (1980) aponta para o fato de que, em uma tentativa de recodificação e processamento fu-

turo dos dados, a memória esquematiza o que vai ser arquivado ou memorizado. Assim, ver e compreender são, de uma forma geral, tarefas perceptivas e/ou cognitivas distintas, todavia inter-relacionadas, principalmente, ao levar-se em consideração os processos e mecanismos de memorização. Nesse sentido e no que diz respeito a esses processos, o que vai ser arquivado através da esquematização das informações — denominada por Slobin (1980) de *economia cognitiva* — constitui, essencialmente, uma informação rica em significado, o que vai permitir sua posterior compreensão. **Memorizamos melhor aquilo que compreendemos.**

Objetivando analisar problemas de ordem cognitiva e lingüística de indivíduos deficientes auditivos, dentre outras conclusões Fernandes(1990) verificou que em seus textos não ocorriam, de modo geral, problemas relativos à ortografia, o que, segundo a autora, remete a **um indicador de memória visual desenvolvida.**

Ao analisar os resultados do aludido trabalho de Fernandes (Ibid), fica então caracterizado, de

certa forma, que uma das dificuldades do indivíduo surdo na correta utilização da língua portuguesa tem origem, principalmente, na falta de contato sistemático com a modalidade escrita desta língua. Tal fato poderia estar relacionado aos esquemas de ação descritos inicialmente por Piaget (1993) pois, não existindo o contato significativo com a linguagem escrita, a dificuldade em sua compreensão passa a ser uma resultante.

Já no que diz respeito a relações entre leitura e memória, Smith (1989) refinou alguns conceitos relativos aos processos cognitivos e descreveu e enumerou quatro características de operação da memória por ocasião da leitura: *input* (como o material é recebido); *capacidade* (quantidade de armazenamento de informação); *persistência* (tempo de armazenamento); e *recuperação* (saída de dados). Distinguiu também três espécies ou aspectos da memória envolvidos na leitura: *armazenamento sensorial*, *memória a curto prazo* e *memória a longo prazo*.

PLANOS: FIGURA E FUNDO

A categoria analítica plano *figura/fundo* baseia-se em um fun-

Piaget (1993) propõe que a imagem-lembrança está diretamente relacionada a esquemas de ação, sugerindo, finalmente, que crianças retêm mais facilmente aquilo que compreenderam e não apenas o que viram.

damento cognitivo explorado inicialmente pela Psicologia da Gestalt. Porém, neste estudo essa categoria estará relacionada à dupla dimensão do discurso visto como produto resultante de um processo cognitivo espontâneo. Dessa perspectiva, o termo *figura* equivale a unidades do discurso que se apresentam bem recordadas, bem iluminadas, focalizadas e construídas a partir de condições bem objetivas, localizando-se em primeiro plano neste discurso. Denominadas de *fundo*, as demais unidades se encontrariam em um segundo plano, mais subjetivo, menos percebido e em posição complementar ao primeiro. Ao mesmo tempo em que oferece uma moldura à figura, o plano de fundo lhe dá forma.

Segundo Votre (1992) e Silveira (1995), ao investigar os diferentes planos das narrativas, Hopper (1979) considerou que, ao nível de relevância discursiva, há a evidência também da existência de dois planos distintos e

estruturados de formas diferentes. Segundo Hopper, entender-se-ia como *foreground—figura*—o plano em que as cláusulas da narrativa se apresentam em forma de ações seqüenciais, reproduzindo os fatos como estes se deram no evento. Por seu turno, são consideradas como *background—fundo*—as cláusulas que reproduziriam, por natureza, um comentário, uma avaliação e, principalmente, que ofereceram informações contidas num suporte que, com a suspensão das ações, passam a explicar e a discutir as cláusulas-figura. No presente estudo, posicione a narrativa como sendo um relato lingüístico acerca de um evento passado e acabado, armazenado e disponível na memória do sujeito, o qual pode ser expresso tanto de forma oral, quanto escrita, ou gestualmente, bem como através de uma língua de sinais que é também natural.

Nesses termos, em seus aspectos mais gerais a figura pode ser compreendida como uma infor-

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

INES

ESPAÇO

JUN/04

78

Posiciono a narrativa como sendo um relato lingüístico acerca de um evento passado e acabado, armazenado e disponível na memória do sujeito, o qual pode ser expresso tanto de forma oral, quanto escrita, ou gestualmente, bem como através de uma língua de sinais que é também natural.

mação constituída de parâmetros carregados de um alto grau de iconicidade, retirados do real e representados de forma objetiva. O fundo, por sua vez, é caracterizado por uma predominância de informações consideradas arbitrárias, por refletirem subjetividade, produto da recuperação de dados retirados da memória do sujeito. Conforme anteriormente ressaltai, no corpo de uma narrativa os planos figura e fundo exercem entre si funções de complementaridade.

Levando em consideração os objetivos deste meu trabalho — avaliar o uso das imagens como instrumento pedagógico no apoio à aquisição e produção da linguagem escrita e, conseqüentemente, analisar a influência de diferentes níveis de iconicidade presentes em cada tipo de imagem na produção de textos narrativos produzidos por sujeitos surdos — optei por definir como

suporte metodológico a relevância discursiva que identifica nos textos narrativos: cláusulas-figura (Cfg) e cláusulas-fundo (Cfd). Defino aqui a cláusula como sendo uma unidade de sentido, cujos constituintes se organizam a partir de um verbo que constitui o núcleo da equivalente cláusula.

SUJEITOS DO ESTUDO

Não considerando a idade dos sujeitos como uma variável determinante para o presente estudo, a amostra foi constituída em sua totalidade por 19 alunos do 4º nível de linguagem do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES): 10 do sexo feminino e 9 do sexo masculino, com faixa etária variando entre 17 e 59 anos.

MATERIAL UTILIZADO NA COLETA DE DADOS

Como estímulos para minha

coleta de dados foram utilizadas pranchas específicas para o uso de retroprojetor. Essas pranchas apresentaram uma seqüencialidade, compondo, através de imagens, dois diferentes eventos. O primeiro, extraído originariamente de material fotográfico, e portanto apresentando maior iconicidade, relata a estória de um assalto mal sucedido (18 pranchas). A segunda, na forma de gravuras, e portanto menos icônica, conta a ida de um menino travesso ao médico (16 pranchas).

SUPORTE TEÓRICO PARA A ANÁLISE DOS DADOS

Considerei a **relevância discursiva**¹ proposta inicialmente por Hopper (1979) e refinada por Silveira (1995) como fundamental para os fins deste meu estudo. A análise dos dados consistiu em categorizar os textos produzidos pelos sujeitos em cláusulas-figura (Cfg) — *informações icônicas, objetivas e ancoradas no real* — e cláusulas-fundo — *informações arbitrárias, subjetivas e ancoradas na memória do falante*.

¹Vide fundamentação teórica

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

INES

ESPAÇO

JUN/04

79

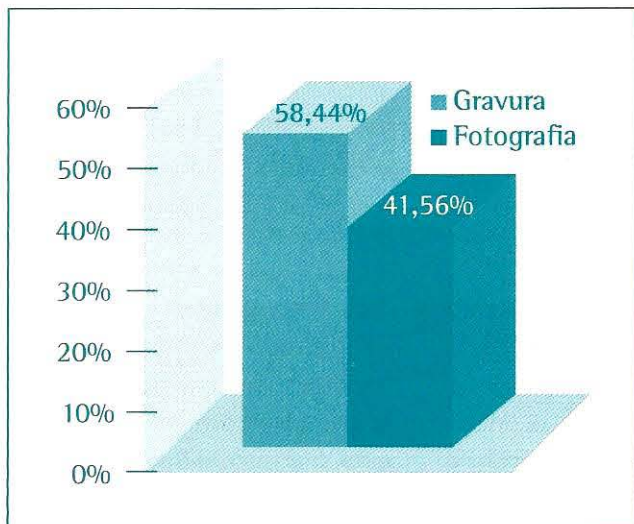


Gráfico 1:
Distribuição total de cláusulas por estímulo experimental

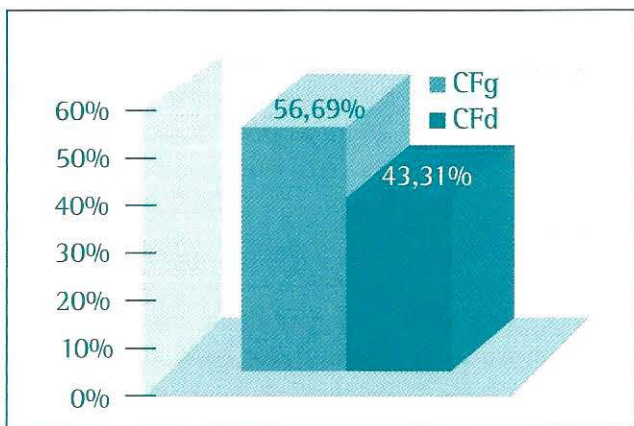


Gráfico 2:
Densidade de cláusula-figura e cláusula-fundo, estímulo gravura

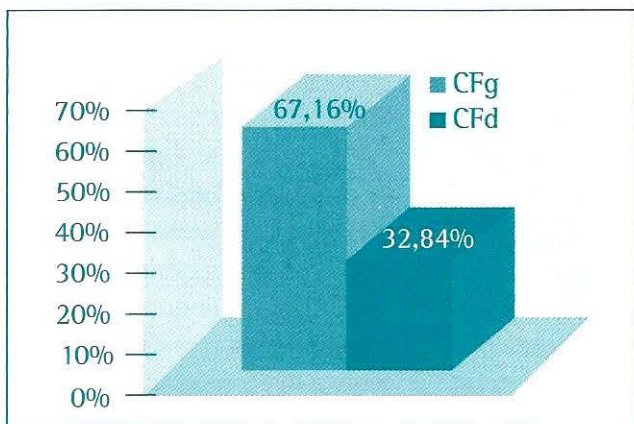


Gráfico 3:
Densidade de cláusula-figura e cláusula-fundo, estímulo fotografia

III- Análise dos resultados

Nesta seção, procurarei descrever os resultados da investigação sobre a utilização de diferentes tipos de imagens como estímulos à criação de textos narrativos produzidos por indivíduos portadores de surdez. Considerarei como importante e relevante para esta tarefa analisar nesses textos a dicotomização figura/fundo a partir de dois estímulos diferentes, em graus de iconicidade: a gravura e a fotografia.

Os resultados apresentados pelo gráfico 1 revelam dados obtidos através da relação e da distribuição total de cláusulas — figura e fundo — a partir dos estímulos gravuras e fotografias. Esses resultados mostram que 58,44% da totalidade das cláusulas foram produzidas a partir do estímulo gravura e o restante — 41,56% — a partir do estímulo fotografia. Tais percentuais revelam que, ao estimular a produção de um texto narrativo em indivíduos surdos, a partir de uma seqüência de gravuras com menor grau de iconicidade, o texto apresenta mais densidade lingüística do que o produzido através do estí-

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

INES

ESPAÇO

JUN/04

80

mulo fotografia, inerentemente icônica. Esse dado é interessante, pois, mesmo apresentando em seus textos uma densidade maior de cláusulas-figura — icônicas por natureza — (gráfico 1), os sujeitos investigados produziram maior volume de cláusulas quando o estímulo desta produção foram gravuras (que se utilizam muito mais de objetos considerados translúcidos e, portanto, menos icô-

de iconicidade/transparência, o texto produzido tenderá a apresentar uma elevada taxa de cláusulas-figura, resultado de buscas lexicais e semânticas em objetos reais e objetivos. Pudemos verificar, ainda, que o mesmo não acontece com o estímulo gravura. Com este estímulo, 56,69% das cláusulas produzidas são figura, em relação aos 67,16% obtidos com a fotografia.

Dessa forma, constatamos ter ocorrido uma maior densidade de cláusulas-fundo a partir do estímulo gravura — 43,31% —, em relação aos 32,84% obtidos com o estímulo fotografia. Ou seja, imagens com menor grau de

“A narrativa é uma experiência necessária para ingressar no discurso dissertativo, uma vez que ela é o primeiro passo para a descentração e para o hipotético.”
Kato (1986: 120)

nicos do que a fotografia que, por sua vez, apresenta muito mais características de transparência).

Os gráficos 2 e 3 apresentam a distribuição de cláusulas-figura e cláusulas-fundo, respectivamente nos estímulos gravura e fotografia. Podemos observar que o estímulo gravura provoca maior densidade de cláusulas-fundo do que o estímulo fotografia em relação à densidade de cláusulas-figura. Ou seja, 67,16% das cláusulas produzidas são figura o que evidencia que, quando se utiliza um estímulo portador de um alto grau

de iconicidade e mais características de translucência do que transparência geraram textos com maior densidade de informações codificadas como cláusulas-fundo. Informações essas retiradas, em sua grande parte, da memória do indivíduo e, portanto, sujeitas a uma carga maior de subjetividade. Podemos afirmar então que imagens com menor grau de iconicidade/translucência proporcionam um texto mais denso, mais subjetivo e mais complexo, em termos de língua escrita. Analogamente, podemos crer que

imagens que apresentam um alto grau de iconicidade/transparência tendem a gerar textos com maior densidade de informações consideradas como objetivas e menor grau de complexidade lingüística. Isso pode ser observado, sobretudo, através da diferença distributiva entre as cláusulas-figura e cláusulas-fundo nos dois estímulos utilizados: enquanto o estímulo fotografia apresentou uma diferença de 34,32%, o estímulo gravura apresentou uma diferença de apenas 13,38%. Isto é, quanto menor for a diferença distributiva de cláusulas-figura e cláusulas-fundo, maior será a probabilidade do texto apresentar uma significativa densidade lingüística.

De fato, com exceção de um deles, todos os demais sujeitos produziram maior número de cláusulas-figura e de cláusulas-fundo, a partir do estímulo gravura. Conseqüentemente, esses dados apontam que, na tarefa de redigir uma narrativa estimulada por imagens, a probabilidade do equivalente texto apresentar uma maior densidade lingüística — cláusulas-fundo — pode surgir a partir do uso de imagens carregadas com maior número de objetos considerados translúcidos, em termos de iconicidade, isto é, codificados a partir de gravuras.

IV-Conclusão

Nos textos analisados, vimos que 61,04% das cláusulas em questão foram consideradas como sendo cláusulas-figura e apenas 38,96% como cláusulas-fundo. Esses resultados mostram que, ao produzir um texto narrativo a partir de imagens, de forma geral o indivíduo surdo concentra em grande parte de seu texto informações objetivas e retiradas do real, apresentando, por outro lado, uma menor concentração de informações ou elementos com marcas de subjetividade.

De idêntico modo, vimos que a análise desses textos revelou ainda que o estímulo gravura gerou um número maior de cláusulas-figura e fundo. O resultado mais determinante, contudo, foi o de que o estímulo gravura proporcionou textos que apresentaram um número **inferior** de cláusulas-figura e **superior** de cláusulas-fun-

do. Configura-se assim a evidência de diferenças e/ou implicações pedagógicas sobre o fato de que determinados tipos de imagens tendem a influenciar na forma lingüística de textos narrativos produzidos por sujeitos portadores de surdez.

Dito de outro modo, a partir dos resultados presentemente discutidos pode-se argumentar que **fotografia por ser mais icônica** influencia diretamente na geração de um texto mais carregado de cláusulas-figura e com menor densidade de cláusulas-fundo, devido, talvez, à objetividade que é inerente à fotografia. Já por ser menos icônica, a gravura tende a influenciar na construção de um texto mais complexo lingüisticamente e rico em elementos de subjetividade, levando em consideração o volume de cláusulas-fundo, a partir deste estímulo.

Esses resultados apontam, portanto, para o fato de que, focadas a partir do processo ensino-aprendizagem e ao possibilitarem ao indivíduo portador de surdez uma ancoragem cognitivo-semântica, imagens contribuem direta e significativamente para a elaboração de textos narrativos. Segundo Kato (1986: 120), "*a narrativa é uma experiência necessária para ingressar no discurso dissertativo, uma vez que ela é o primeiro passo para a descentração e para o hipotético.*" Levando em consideração que essa *descentração* pode ser compreendida como um dos caminhos para o *hipotético*, pode-se igualmente compreender tal processo como percurso necessário para o desenvolvimento da capacidade simbólica e de funções ou habilidades meta-lingüísticas também entre indivíduos surdos.

Referências Bibliográficas

AIMARD, P. *A Linguagem da Criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

BEHARES, L.E. Implicações neuropsicológicas dos recentes descobrimentos na aquisição de linguagem pela criança surda. *In: Série Neuropsicologia*. SBPn, Vol.3 (41-55). São Paulo: Tec. Art, 1993.

BONVILLIAN, J.D.; ORLANSKY, M.D. The Role of Iconicity *In: Early Sign Language Acquisition: Journal of Speech and Hearing Disorders*. Vol. 49, pp287 - 292, August, 1994.

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

INES

ESPAÇO

JUN/04

82

- BRITO, L.F. *Integração Social e Educação de Surdos*. Rio de Janeiro: Babel, 1993.
- ECO, U. *A Estrutura Ausente*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- ELLIOT, A. *A Linguagem da Criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- FELIPE, F. Por uma tipologia de verbos da LSCB. *Funcionalismo em lingüística- Iconicidade*. (109-130). Rio de Janeiro: UFRJ - Faculdade de Letras, 1993.
- FERNANDES, E. *Problemas Lingüísticos e Cognitivos do Surdo*. Rio de Janeiro: Agir, 1990.
- GIVON, T. *Markedness in grammar: distributional communicative and cognitive correlates of syntactic structure*. Institute of cognitive & decision sciences. Oregon, 1990.
- _____. *Syntax- A functional typological introduction*. Vol. II. Amsterdam: John Benjamim, 1990.
- HOPPER, P. Aspect and foregrounding in discourse. In T. Givón, ed, 1979.
- HOPPER, P. & THOMPSON, S. Transitivity in grammar and discourse. *Language* (N56). Academic Press: New York, 1980.
- KATO, M. *No Mundo da Escrita: uma perspectiva psicolingüística*. São Paulo: Ática, 1987.
- LÉVY, P. As tecnologias da inteligência - O futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.
- LYONS, J. *Linguagem e Lingüística - uma introdução*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- MOLLIKA, M. C. *Iconicidade e Mudanças em Língua de Sinais - D.E.L.T.A*. Vol. 11 (N1), pp161-168, Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.
- PIAGET, J. & INHELDER, B. *A Psicologia da Criança*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.
- PIERCE, C.S. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- RIGONI, C. *A expressão do irrealis como estratégia discursiva*. In: *Funcionalismo em lingüística- Iconicidade*, pp78-108, Rio de Janeiro: Ed UFRJ - Faculdade de Letras, 1993.
- SACKS, O. *Vendo Vozes: Uma Jornada pelo Mundo dos Surdos*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- SILVEIRA, E. Uma Questão de Relevância: Será que os Alunos Entendem a Linguagem da Escola? *Tese apresentada à Faculdade de Educação da UERJ como requisito para o concurso de Professor Titular na área de Ensino Aprendizagem*, 1995.
- SLOBIN, D. I. *Psicolingüística*. São Paulo: Ed. Nacional - USP, 1980.
- SMITH, F. *Compreendendo Leitura: Uma Análise Psicolingüística da Leitura e do Aprender a Ler*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R. & LEONTIEV, A. N. *Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem*. São Paulo: Ícone, 1988.
- VOTRE, S. Introdução ao funcionalismo em lingüística. In: *Funcionalismo em Lingüística - Iconicidade*, pp6-15, Rio de Janeiro: UFRJ Faculdade de Letras, 1993.
- _____. *Lingüística Funcional: Teoria e Prática*. In: UFRJ - Departamento de lingüística e Filologia, 1992.